Viver o novo

Category: Bíblicos
17/01/2026

Viver o novo

A resistência do velho

Existe um fenômeno silencioso que eu tenho observado com o passar dos anos.

Às vezes, uma conversa ilumina.
Um texto toca.
Uma verdade se revela com clareza.

E por alguns minutos… tudo parece simples.

A pessoa respira.
Sorri.
E diz:

“Uau.”

Mas depois… o velho volta.

Não como ataque.

Não como grosseria.
Não como rejeição aberta.

Ele volta delicadamente.

Como um “sim… mas”.

E é aí que eu percebo:
o maior desafio do ser humano não é ouvir o novo.

É **viver o novo**. ►

O “Uau” e o “mas”

O “Uau” é real.

É o momento em que a verdade atravessa a pessoa sem resistência.
É quando ela percebe que existe um caminho mais leve, mais limpo, mais verdadeiro.

Mas o “mas” também é real.

Ele surge quando essa mesma verdade começa a pedir uma coisa que ninguém quer entregar facilmente:

o controle.

Porque o velho quase sempre tem um centro:

> a necessidade de controlar para se sentir seguro.

Controlar o outro.
Controlar o futuro.
Controlar a imagem.
Controlar a convivência.
Controlar o risco.

E quando alguém toca nesse ponto, o velho se levanta.

Não com gritos.
Mas com justificativas.

O velho sempre parece prudência

Uma das coisas mais perigosas do velho é que ele raramente se apresenta como “erro”.

Ele se apresenta como bom senso.

Ele fala assim:

- “na prática não é bem assim…”
- “mas depende…”
- “mas tem casos…”
- “mas a sociedade não funciona assim…”
- “mas se eu aceitar, eu viro fraco…”
- “mas eu preciso me proteger…”

E, de repente, o que era luz vira debate.
O que era descanso vira argumento.
O que era liberdade vira medo.

E o velho vence… de novo.

Por que é tão difícil abandonar o velho?

Porque o velho não é apenas uma ideia.

Ele é um lugar.

Um lugar de identidade.
Um lugar de sobrevivência.
Um lugar de repetição.
Um lugar de tradição.

O velho é confortável porque já é conhecido.
E o novo assusta porque exige fé.

Não fé religiosa.

Fé no sentido mais simples:

> confiar que é possível viver diferente.

O novo não é teoria. É caminho.

Muita gente gosta de ouvir sobre o novo.

Mas o novo não é uma palestra.

O novo é um caminho.

E isso exige perder alguma coisa:

- perder o orgulho de estar certo
- perder o prazer de corrigir
- perder o hábito de controlar
- perder a ilusão de segurança
- perder o poder de “mudar o outro”
- perder o direito de reagir como sempre reagiu

Por isso o novo é tão lindo… e tão raro.

Viver em novidade de vida

Eu percebi algo que me entristece e me liberta ao mesmo tempo:

eu posso conversar com alguém por mais de uma hora,
e amanhã ela geralmente já não se lembra mais.

Não porque ela seja um caso à parte.
É porque a natureza humana é assim.

E isso vale para mim também.

Eu mesmo já esqueci verdades profundas que eu tinha visto com clareza.
Já voltei ao automático.
Já voltei à linguagem antiga.
Já voltei ao medo disfarçado de prudência.

Então eu aprendi que viver o novo não é um evento.

É um retorno constante.

Um retorno à luz.
Um retorno à simplicidade.
Um retorno ao Espírito.
Um retorno ao Hoje.

A resistência do velho é um sinal

Com o tempo, tenho percebido uma coisa importante:

quando um texto só gera “Uau”, ele pode ter sido apenas bonito.

Mas quando ele gera “Uau”… e depois gera resistência,
é porque ele tocou no lugar certo.

A resistência do velho é um sinal de que o novo chegou perto demais.

O passado, o futuro… e o Hoje

Um leitor comentou algo que me fez pensar sobre o passado, o presente e o futuro.

O passado tenta nos prender nele, pela culpa, pela acusação e pela lembrança que nos paralisa.

O futuro também não pertence a nós — e ele tenta nos dominar pelo medo.

Mas existe um lugar onde a vida é possível: o Hoje.

É no Hoje que eu posso respirar, confiar, escolher, amar e seguir.

Não porque eu controlo o presente, mas porque Deus me deu esse instante como um chão firme. E talvez por isso o seu nome: **presente**.

O novo não se impõe. Ele se escolhe.

Eu já tentei mudar o outro.

E aprendi do jeito mais difícil:
isso não funciona.

Não existe jeito infalível de mudar alguém.

Mas existe um jeito infalível de viver:

não tentar controlar.
não tentar reformar.
não tentar transformar convivência em correção.

Aceitar o outro como ele é.
Aceitar os riscos de conviver.
E confiar em Deus no Hoje.

Porque viver o novo não é viver sem riscos.

É viver sem ser governado por eles.

Conclusão

O velho sempre volta.

Mas o novo também está sempre disponível.

E talvez essa seja a maior diferença entre os dois:
o velho é confortável.
porque é automático e não exige decisão.
apenas repetição.

mas o conforto do velho não é descanso.
é prisão.

o novo exige esforço.
porque exige fé.

mas esse esforço não vira peso.
vira descanso.

Viver em novidade de vida não é um discurso bonito.

É uma escolha diária.

E, muitas vezes, silenciosa.

Hoje.

Saiba mais:
Como mudar o outro? Um jeito infalível